

O GAIATO faz anos

Viu a luz do dia e safu para a rua, no dia 5 de Março de 1944. Pequeno, simples. Cresceu e continua, da mesma forma, para entrar na vida dos Leitores. Tem o jeito do fermento. É acolhido e, depois, transforma.

A força d'O GAIATO vem-lhe da mensagem que leva. Tocar o coração. Fazer bem às almas. Formar as consciências. Mudar o rumo da vida. É segredo divi-

no. Só a Graça de Deus o pode fazer.

«Faz tanto bem às nossas almas a leitura d'O GAIATO que sentimos a necessidade de levar outros a usufruir desta fonte de Água-Viva. Desperta os adormecidos. Os instalados. E nos deixa insatisfeitos conosco próprios.»

Gerado nas dores e alegrias daqueles a quem servimos, fala de experiências. Não engana.

Por isso, é tão apreciado.

Pai Américo, quando pediu licença às autoridades do tempo, diz que «falou à moda dos apaixonados: Um jornal que não tenha medo e que não engane o povo».

«Como ele viveu O GAIATO! Era o seu púlpito. Comunicava, assim, com os de perto e os de longe.»

A Obra da Rua e a sua mensagem ocupavam-lhe as páginas. Por ele, tornou-se conhecida e amada. Gerou comunhão entre os de dentro e os de fora. Família. Um dos ramos mais fecundos da Obra de Pai Américo. Seus frutos, quem os pode conhecer e saborear em toda a profundidade? Vão-nos chegando testemunhos. Alguns, apenas. A maior parte, cremos, ficam guardados no segredo das consciências. Dão sentido à vida. Renovam-na. Corações fechados que se abrem.

O jornal O GAIATO seja, hoje, o mensageiro da Obra da Rua com muita responsabilidade, como sempre foi. Pequeno, quer continuar a ser o revolucionário... pacífico. — «Depois de o ler sentimos que não ficamos na mesma e que temos necessidade de fazer algo pelos irmãos mais carenciados.»



Quando andavam por lá..., Júlio, Quintino e Bruno não sorriam. Agora, vivem de mãos dadas. Expressiva imagem d'aniversário!

«Quem nos dera! Não pedimos mais. Não queremos mais. Apenas ser instrumentos pobres e humildes nas mãos do Pobre para fazer ouvir a Sua voz. O resto vem por acréscimo.»

Na campanha de assinaturas, quando perguntam pelo preço, eis a resposta: ler, ler, ler... É o mais importante. É o que verdadeiramente conta. O cora-

ção dirá, depois, o que cada um deve fazer.

Que se abram mais portas. Que nós, rapazes, senhoras e padres da rua saibamos esconder-nos em nossos escritos «para que a Obra de Deus resplendaça e converta». Que mais podemos desejar!?

Padre Manuel António

AQUI, LISBOA!

«O adjunto vale de correlo... corresponde ao pagamento da assinatura de O GAIATO, que comecei a receber neste mês. Um admirador fervoroso dos redactores, de todos os redactores desse periódico e da grande Obra a que corresponde.» (Prof. Damião de Peres, citado por Pai Américo)

Passa O GAIATO o seu 44.º aniversário. Com uma tiragem quinzenal à volta dos 70.000 exemplares, não temos dúvidas em considerá-lo como um caso único no âmbito nacional. Mas, mais do que a tiragem e a expansão por todo o mundo, importa assinalar a comunhão estabelecida entre os seus milhares de leitores e a Família de dentro, de que o próximo livro a sair — **Correspondência dos Leitores** — será um testemunho vivo.

Pessoas oriundas de todas as classes sociais, intelectuais ou não, crentes ou sem fé, abastadas ou pobres de bens materiais, lêem e apreciam O GAIATO. Consideramos isto um autêntico «milagre». Palavras de incentivo, sugestões dos mais variados tipos, críticas construtivas, e, até, porque não dizê-lo, expressões de discordância, tudo isso faz parte da vida deste pequeno «revolucionário pacífico». Daí que os sucessores de Pai Américo sintam bem a responsabilidade da herança que lhes coube, mau grado a ausência física da sua pena, que o seu espírito, esse sim, continua presente a cada momento.

A propósito da carta de que acima extraímos uma pequena passagem, estabeleceu Pai Américo as linhas mestras da feitura do jornal: «Nem colaboração nem anúncios. Nós e os nossos leitores. Mais nada. Mais ninguém. E é tudo». E porque O GAIATO nasceu no púlpito e tem de continuar a vida pregando os interesses superiores do homem, o seu Fundador já havia dito que escrevêssemos como quem reza...

Pessoalmente, consideramos como uma das tarefas mais ingratas o escrever para O GAIATO, às vezes sem saber o quê nem o como. Diríamos mesmo que, não raro, passe a expressão, se trata dum parto bem doloroso, à última hora, sem arte nem ciência, que isso é para «sábios e competentes». Sucede, até, porque redigindo ao fluir da pena, nem nos lembramos, muitas vezes, do que escrevemos.

No ano passado, falámos, nestas colunas, da tarefa de levar a todas as casas o nosso jornal para ser lido, porque, tiragem por tiragem, nada importa, pois seria como que um nado morto. Na sua humildade, mau grado as insuficiências e limitações dos que o fazem, O GAIATO, «portuguesíssimo como é, não diz mal. Repara, denuncia, deseja, trabalha; sobretudo trabalha por uma pátria melhor». Por isso escrevemos e pedimos aos nossos Amigos para colaborarem na sua expansão.

Padre Luiz

CALVÁRIO

■ É numa cidade nossa. Todos se enternecem e dizem «ai coitadinho!» quando topam o João no seu canto. Quase sempre no seu canto — de noite e de dia!

Nessa cidade bonita há um grande santuário com forte romaria. Acorre gente de perto e de longe. Toda a cidade tem gosto e promove com brio as grandes festas. Festas cristãs, dizem! Sem Cristo, porém... O Cristo Senhor é o João que vive no seu canto, esquecido e bem assustado com os clarões dos foguetes.

Que lindo Santuário!

Que bela romaria!

Muito mais bela, mais nobre e mais cristã seria, se lá no alto,

juntinha à Senhora dos Remédios e aconchegada pelo arvoredo, fosse uma casa, remédio para os doentes e deficientes abandonados da cidade.

As sobras dos festejos que, não sendo tão «pagãos», seriam maiores — canalizados para os irmãos doentes e rejeitados.

Comunidades vivas?! Por certo que há. Então gritemos e demos as mãos a esta claridade. É a luz do Senhor!

Que preço têm as velas e as procissões enquanto Ele estiver esquecido num canto da cidade?

■ «Vive aqui, nas faldas da serra do Reboredo, por cima do asilo de crianças, e em

terrenos do asilo e por esmola, Benigno (Carlos Pinto), um deficiente profundo de 34 anos. A mãe morreu, há meses, e o pai teve uma trombose. O deficiente é uma autêntica criança inofensiva, mas o pai, porque doente, não pode vigiá-lo; e quando tem de se arrastar à vila para tratar de qualquer assunto, o deficiente fica ou preso a uma árvore ou fechado numa espécie de jaula.»

Assim, o meu amigo Padre Rebelo introduziu o pedido de admissão do Benigno no Calvário.

Fui ver. A caminho da toca do Benigno encontrei-me, de

Cont. na 4.ª pág.

COLABORAÇÃO

NOTA DA REDAÇÃO — Almas em cachão!

Muitos adjectivos, algumas considerações empoladas, são omitidos e endossamo-los ao Pai Celeste — cientes da nossa pequenez.

Compreendemos o Fogo que lavra no coração dos Leitores. Sinal que permanece imutável, desde a primeira hora! Eles testemunham porquê, explícita ou implícitamente: O GAIATO, a Obra da Rua têm por pedra angular o Santíssimo Nome de Jesus. Ele vai na barca. É o Timoneiro. Foi por Ele — na pessoa dos Pobres — que Pai Américo lançou O GAIATO na rua, como Obra da Rua, para dar a conhecer a Riqueza da Boa Nova, do Mandamento Novo. «**Todo o espaço e todo o tempo é pouco** — sublinha — para revelar Cristo às almas».

se transformasse um rapazinho abandonado e sem recursos, num homem de elevado valor técnico que me enche de orgulho na medida em que me encontro na linha da vida que percorreu e o transformou num elemento que, querendo, poderá ser muito válido para o País e para a Sociedade.

Assinante 16131»

«O Famoso continua a chegar simpaticamente e sempre a horas, com os temas suculentos que o Evangelho inspirou ao Pai Américo e, hoje, aos que

continuam a sua Obra. Graças ao Pai, o Seu Espírito vai soprando por sobre a terra. Jesus no-l'O prometeu...

Venho fazer contas. Sei que Deus tem uma contabilidade muito própria, nada semelhante à dos homens. Sei, também, que a vossa, a do Pai Américo, é parecida com a d'Ele, porque confiados plenamente n'Ele. Pois bem, segue junto um cheque... Grato pelo pão que por vós é distribuído por Portugal fora e além fronteiras. Pão que é Palavra de Deus traduzida por miúdos para que os homens possam tê-la como alimento...

Assinante 14239»

«Gosto de ler O GAIATO. Já o tenho lido aos meus alunos e eles gostam de ouvir.

Assinante 45968»

«Sinto-me envergonhada por ainda não ter enviado a importância que segue, em cheque, para O GAIATO.

Se há coisas que não têm preço, é essa preciosidade que leio avidamente logo que chega. Tenho procurado distribuir O GAIATO por outros amigos que, não praticando, o devoram com a mesma sofreguidão que eu.

Há 40 e tal anos que o assino e propago, mas ele não precisa que o propaguem, pois basta a sua mensagem para que se imponha por si.

Obrigado pelo alimento que nos dais. Peço a Deus que vos continue a dar Forças para nos ajudarem — como o têm feito.

Bem hajam por todo o vosso amor por nós, os vossos Leitores.

Assinante 1858»

a minha ligação convosco é feita através do Famoso de que me orgulho de ser assinante.

Assinante 45182»

«Gostaria de remeter um cheque de maior valor, pelo menos para ficar de consciência tranquila, em relação à «colheita» que faço no manancial que constitui a leitura d'O GAIATO.

Neste momento não é possível remeter.

A gratidão que me liga à Casa do Gaiato é enorme, direi mesmo incomensurável, na medida em que, correspondendo a um apelo que lhe fiz, já lá vão mais de 25 anos, permitiu que

vossos. Algumas migalhinhas (apenas economias de estudante, que não podem ser «famosas», visto que não trabalham). Lamento não enviar mais, ao menos para a assinatura d'O GAIATO, pequeno no tamanho (para quem gosta de ler as novidades da «família») mas tão grande no seu conteúdo!

Volto a pedir desculpa por enviar tão pouco, mas a situação financeira da minha família não é nada boa — encargos a mais! E, assim como O GAIATO aconselha, nós tentamos ajudar primeiro os Pobres da nossa freguesia (aqui, trabalha-se mesmo muito pouco nesse sentido, infelizmente...).

Uma jovem amiga, de 14 anos:

Maria José»

«Agradeço O GAIATO que há pouco tempo tive o prazer de conhecer e já me habituei à chegada dele para o ler de ponta a ponta. Junto uma pequena lembrança para a ajuda das despesas...

Assinante 9033»

«O GAIATO é um bálsamo consolador no meio de tanto oportunismo e sensacionalismo jornalístico. Que bem me tem feito, no meio da solidão em que fiquei, na partida do meu querido marido para a Eternidade!

Permanece na mesa de cabeceira, é lido e relido e serve de

As nossas Edições

«Ando a ler o livro «De como eu fui...» com interesse. É sempre um livro novo. A grande Pedagogia do Pai Américo é muito rica, está sempre na hora presente.

Neste mundo cada vez mais conturbado, com um crescente índice de criminalidade juvenil, todos os ensinamentos herdados do Pai Américo são cada vez mais aceites, como lenitivo e bênção divina que muito pode contribuir para salvar os jovens da auto-destruição, nesta Sociedade artificial e consumista em que vivemos, presentemente.

Assinante 27238»

«Acuso a recepção do livro de Pai Américo «Notas da Quinzena», cuja leitura me empolgou de tal modo que não resisti a lê-lo de um fôlego. Tem páginas admiráveis, e um estilo inconfundível, de uma profundidade que nos compele a meditar. Nele se revela o extraordinário amor que consagrava aos Pobres e o desassombro com que denunciava as mais flagrantes injustiças sociais.

Ler livros como este faz-nos esquecer as torpezas e violências de um mundo onde predomina o mais feroz egoísmo e em que impera a lei da selva. A Humanidade está a atravessar uma das maiores crises morais de toda a história, porque o homem se afastou de Deus e se julga, num orgulho imenso, capaz de resolver todos os problemas. A chamada «Civilização Ocidental» descrenificou-se e o homem, perdida a Fé, não consegue encontrar a feli-

motor para ser diferente no dia-a-dia que corre.

Assinante 28356»

«Espero poder continuar a refrescar a minha vida com o Famoso e com o «Doutrina», que leio todos os dias um pouco, pois o tempo não me permite, por afazeres profissionais e por questões emocionais. Fico angustiado ao ler as palavras maravilhosas do Padre Américo...

Por vezes só penso em mim...!

Que Deus vos ilumine e ajude a levar a cruz.

Assinante 32080»

cidade e a paz da consciência, apesar de todos os recursos científicos...

Qual o caminho a seguir para transformar esta sociedade consumista, em que uma casta privilegiada vive na opulência, enquanto milhões de seres humanos vegetam em condições piores do que muitos animais irracionais, sofrendo as inclemências da fome? Pai Américo indica, claramente, a rota segura — o regresso a Nazaré, modelo de todas as famílias; o amor ao Próximo; uma vivência de acordo com o Evangelho, como, aliás, se espelha em todos os seus livros.

Ao ler «Notas da Quinzena», muitas vezes as lágrimas afloram aos olhos, sinal de que, graças a Deus, o meu coração ainda não se encontra embotado!

Assinante 27527»

«Venho agradecer o livro que mandaram. Muito obrigado pelas palavras de alento e esperança que vou tirando à medida que vou lendo.

Assim possam minorar as saudades que tenho do meu marido. Assim também elas possam servir de aperfeiçoamento para um dia me encontrar com ele.

M. Antonleta»

«Após a leitura do livro «De como eu fui...», reli o

«FAMOSO»

«Envio mais uma migalhinha para o que acharem oportuno. É pouquinho, mas é sempre com alegria que reparto com alguém do que ganho e dou graças a Deus por ter tido oportunidade de conhecer um pouquinho da vida e Obra de Pai Américo através d'O GAIATO.

Bem hajam todos, pequenos e grandes, que auxiliam a encontrar o Caminho.

Assinante 12027»

«O meu abraço cheio de alegria, através desta minha pequena mensagem.

É por estas palavras escritas que vou ao vosso encontro, pois

JUVENTUDE

«Nós, alunos da Telescola de Vairão, oferecemos este pequeno donativo à Casa do Gaiato para assim ajudarmos as crianças e os jovens que, como nós, precisam de crescer com carinho e amor.

C. P. T. V. n.º 805»

«Não dou sinal de vida há tanto tempo! Até já andava com remorsos de receber sempre, tão pontualmente, O GAIATO!

A Obra da Rua é, de facto, maravilhosa...! E o Pai Américo, se voltasse à terra, havia de sentir-se contente pela grandiosidade da Obra da Rua.

Por isso, venho juntar os meus míseros esforços aos



DOS LEITORES

Obra da Rua

«Há quase um ano não escrevia para aí. Tenho-os, todavia, sempre no meu espírito, no sentido de interceder, junto do Senhor, que dê toda a protecção à Obra da Rua inspirada pelo Espírito Santo ao grande apóstolo dos tempos modernos, o inesquecível Padre Américo. Hei acompanhado através da Imprensa, falada e escrita, tudo o que se tem feito, por ocasião do Centenário do seu nascimento. Tudo o que se fale e se converse é sempre pouco, fica aquém do valor e virtudes ímpares que exornaram o Padre Américo. Como desejaria ardentemente vê-lo subir às honras dos altares! Escusado será afirmar que ele o merece, sem querer antecipar-me à autoridade da Igreja.

Mais uma vez declaro que espero sempre com veemente ânsia a chegada do **Famoso**, para o ler, melhor, meditar a doutrina toda preñe de sã e totalmente católica Verdade. Bendita a ideia que originou a publicação do quinzenário O GAIATO! É maravilhoso o aumento tão progressivo, como tenho verificado todas as quinzenas. É Obra de Deus, que quer vê-lo continuar em muitos lares e, assim, fazer conhecida a Obra da Rua, paradoxalmente e também como antinomia assim designada. Chama-se Obra da Rua, afinal é Obra de educação, do aperfeiçoamento, do progresso da Igreja.

Leio o frequente apelo feito no sentido de despertar vocações sacerdotais que queiram trabalhar nessa Obra tão divina,

«Notas da Quinzena». Sempre que leio Padre Américo, apetece-me anunciar o que disse, o que fez, a todos os que me rodeiam ou comigo convivem.

Tenho uma senhora amiga, que além de amiga é duma Fé extraordinária; avó dos meus netos, mãe do meu genro. De Igreja separada, mas com um testemunho cristão maravilhoso. Gostamos muito de trocar impressões sobre a Palavra de Deus.

Quando estava a reler o «Notas da Quinzena», pensei que gostaria de o ler, também. Que meditasse no que eu estava a meditar...

Não há só, neste mundo, interesses financeiros e maldade e tudo o mais que nos arrassa. Há, também, interesses humanos, amor e doação...

Tudo isto teve Pai Américo!

Assinante 29884»

bem como de senhoras, pessoas tão imprescindíveis para que nela as coisas possam ter ordem e disciplina. Queixa-se tanta gente (que se queixa) com a falta de trabalho e, no fim de contas, podia exercer aí um labor profícuo. Peçamos ao Altíssimo, oferecendo até sacrifícios para que esses elementos apareçam para tapar as necessidades mais prementes. É Obra do Senhor.

Ordena-me Deus que tenha uma vida parcimoniosa, para que assim deposite essa poupança nesse e noutros bancos. Assim, vai um cheque de duzentos contos que rogo a caridade de distribuírem...

Uma coisa, porém, requeiro, bato o pé: é tudo para ficar só no conhecimento de Deus e isso me basta. Não tenho merecimento, uma vez que tudo o que possuo não é meu. Apenas o administrador. Não me estrague,

fazendo surgir em mim o orgulho.

Assinante 17380»

«Admiro, de verdade, a Obra da Rua, tão grandiosa, tão boa; mas, com toda a certeza, tão difícil, tão espinhosa, tão trabalhosa. Só é de lastimar que não tenhamos uma migalhinha de amor como tinha Pai Américo pelos pobres, crianças e doentes... Como me sinto tão pecadora e sem amor! Todos os dias, ao deitar, leio um pouco. Presentemente, estou a acabar o 2.º volume de «Isto é a Casa do Gaiato». Tudo muito apreciado e admirado... Pasmo, perante a simplicidade, a sinceridade, o amor, a ternura de Pai Américo para com os seus filhos. E tantos, infelizmente!

Desculpem, não é vulgar eu tanto escrever ou dizer. Só Pai

Américo me faz dizer um pouco do que sinto.

Força, coragem para todos os que continuam a Obra da Rua.

Já li as primeiras páginas do livro «De como eu fui...». Publiquem e digam a todos nós o que é possível fazer de bom e de bem ao Próximo.

Assinante 30217»

«Na véspera da minha partida... tive o prazer de receber o livro «De como eu fui...», que agradeço.

Como é hábito, foi incluído no número das coisas que me acompanham sempre para onde quer que vá. Ainda não me tinha sido dado o prazer de ver um gaiato na venda do Famoso. Meu Deus, que ternura senti! Que aprumo, que delicadeza na entrega, que ar tão elegante no seu impecável fatinho! Louvado seja Deus, como Pai Américo deve estar feliz com os resultados da Obra da Rua!

Rapazinho correcto que faria o orgulho de tantos pais! Que teria sido dele, se Deus não tivesse inspirado o Pai Américo?

No lugar onde me encontrava, todas as pessoas ficaram com o Famoso e tiveram uma palavra amiga para o seu aprumado distribuidor.

A Obra da Rua venceu! Muitas lutas, muitas injustiças e humilhações, tudo Pai Américo sofreu para que os milhares de crianças atiradas para a rua, marginalizadas pelas próprias famílias, pudessem ter um lar, uma família e viver com dignidade, dando-lhes, simultaneamente, liberdade de acção e a noção do que essa liberdade implica: honestidade e dignidade.

Assinante 29406»

«Já há muito tempo que estou sem ligar, do ponto de vista monetário, já se vê, à vossa Editorial.

Agora que me consolei com a última edição «De como eu fui...», não posso deixar passar mais tempo e, por isso, aqui vai o cheque.

Devoro tudo o que diz respeito à Obra da Rua e nem sabem o bem que me faz! Bem hajam por tudo.

Assinante 21036»

«Desculpem esta modesta lembrança para uma Obra que tanto dá e tanto ajuda, mesmo e sempre espiritualmente.

Que o Senhor dê Forças a quantos trabalham na Obra do Pai Américo e que os seus frutos sejam o testemunho de todos aqueles rapazes que por aí passam.

Que eu possa, igualmente, colher esses frutos e o Senhor de igual modo fortaleça não só a minha Fé como a de toda a minha família.

Assinante 14443»

«Esta pequena importância representa uma flor que quero oferecer ao nosso inesquecível Pai Américo. Gostaria de pessoalmente a colocar na sua campa, mas não me é possível. Ela representa a imensa gratidão pelo bem que tem feito à minha alma — e a minha infinita saudade por não o ver e ouvir como dantes. Leio quase todos os dias os seus escritos, como leio também o Evangelho de Jesus. Ambos me fazem bem em qualquer aflição.

M. Júlia»

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

«Se soubesse, dizia palavras bonitas: admiração sincera nos verdes anos de Seminário, devoção nestes anos todos, desde que te consagraste à Obra da Rua. Agora, que já devia estar na idade madura, sinto muita satisfação em poder honrar a memória de Pai Américo, por teu intermédio.

Mas, palavras bonitas, bonitas há-de dizer-tas o Pai de nós todos — agora e depois...

Sem te desperdiçar mais tempo, venho todo contente dizer que já recebi as encomendas que pedira: o Famoso, o livro «De como eu fui...» e o diaporama.

Pelo valor transcendente, Deus vos pague. Mais oportunamente, farei contactos para combinar a vossa ansiada visita à paróquia e aos pequenos da Escola Preparatória.

Entretanto, com o diaporama e a Graça já poderei ir fazendo qualquer coisa.

Fico a rezar por vós e peço que também me recomendeis.

Assinante 42602»

«Foi na passagem do 1.º Centenário do nascimento do Pai Américo, ao qual nos associamos no aspecto espiritual e material, que lancei um apelo à Comunidade de Paranhos, no sentido de não ficarmos apenas

na celebração espiritual (Adoração ao S. S.º Sacramento e Celebração da Eucaristia) em acção de graças ao Senhor por tão grande dádiva na pessoa e Obra do Pai Américo, mas também numa lembrança material para os seus gaiatos. E se a parte espiritual aconteceu, a parte material (ofertório de todas as Missas na Igreja), também, no domingo seguinte.

Aí vai a nossa pequena oferta; pequena, de facto, para tantas necessidades. Mas, vai nela o melhor do nosso pensar e do nosso sentir, a respeito da Obra da Rua, de quem a fundou e de quem nela e por ela trabalha e a ela dá o melhor de si mesmo.

Quero que desculpe a insignificância e creia na sinceridade da Comunidade de Paranhos-Porto, nesta lembrança que é do coração.»

«A Paróquia de Freixo de Baixo (Amarante) oferece o resultado do ofertório das crianças da Catequese na Eucaristia do encerramento da catequese deste ano de 1987.»

«A Equipa da Catequese (da paróquia de Colmbrões) resolveu que a habitual «consoada»,

que as crianças da catequese entregam, fosse para a Casa do Gaiato.»

«Vou-me recreando, especialmente quando preciso de alívio, na leitura da colecção do Padre Américo. É, para mim, instrumento duplamente valioso: recreia, fornecendo riquíssima matéria cultural, humana, teológica e ascética, extremamente prática.

Porque assim penso, sempre que se me depara ocasião, não deixo de apontar esta leitura, como utilíssima, nomeadamente para pais, professores e catequistas.

Por isso, aceitaria, de bom grado, que me enviassem alguns exemplares de O GAIATO, mesmo já desatualizados no tempo, para pôr ao alcance dos a quem devo distribuir o Pão da Palavra, tão saboroso e alimentício.

Assinante 2373»

«Desde há muito que leio O GAIATO e posso dizer que o «devoro», pois é de um fôlego que o leio e mastigo. O ano passado resolvi assinar o jornal, maneira prática de colaborar na Obra da Rua.

Assinante 47061»

Foi numa tarde chuvosa que um homem novo, negro, bateu à porta da Casa do Gaiato para pedir uma ajuda.

Sabia falar. Cumprimentou sem artifícios, com educação e dignidade. Naturalmente, estranhei.

Começo uma inquirição familiar, tendo-o convidado a sentar-se e olhando-o fraternalmente.

Contou a sua história de tragédia: Que não casara por ser esquizofrénico. Que perdera vários empregos pela mesma razão. Que gastara já toda a compensação paga pela empresa onde prestara serviço, ultimamente. Que hoje — e eram 18 horas — comera somente um pão e uma sopa no pequeno restaurante de um partido político, por quarenta escudos.

Dominou-me a última observação — possuído de curiosidade e deslumbramento.

Contou-me tudo: Onde era o restaurante e o partido que o suportava.

Fiquei feliz por saber que, nesta cidade, onde se denuncia tanta injustiça — sem haver um único justo — alguém franqueia, por quarenta escudos, uma sopa e um pão.

Dar de comer a quem tem fome é evangélico. Pode não ser a intenção, mas é-o a acção.

Aos olhos de Deus é importante a intenção com que se promovem as acções. A intenção falseada pode anular ou dimi-

SETÚBAL

nuir os valores sobrenaturais das boas obras, mas não as destrói nem diante de Deus nem diante dos homens.

A um faminto, ninguém pergunte se ele sabe a intenção com que se lhe mata a fome, se lhe dá trabalho, se ajuda a mulher ou os filhos.

A uma família sem casa, não se lhe pergunte se ela conhece as intenções com que a vamos ajudar na construção ou a adquirir uma casa.

Aos gravemente necessitados não interessam as intenções com que são socorridos. Agarram-se à ajuda material em si. É isso que eles sentem.

«Tive fome e deste-Me de comer!...»

— Quando, Senhor? Eu não Te conheci. Eu neguei-Te. Proclamei que não existias. Que eras um ópio!

— Sempre que mataste a fome a um destes foi a... Mim!...

Resposta infalível que todos havemos de ouvir, no último dia, haja o que houver!...

Não exijamos a um materialista que tenha intenções sobrenaturais. Ele orienta-se, arras-

tado pelo materialismo. É o seu partido, a sua ideologia, etc.

A um cristão, sim, exige-se intenções puras, visão sobrenatural do homem. Amor intrínseco e concreto por cada ser humano. Não deixemos, então, que outros invadam o nosso campo adiantando-nos a eles. Sacrificando-nos mais que eles. Sofrendo mais que eles. Amando mais.

As acções valem, por certo, mais que as intenções.

Creio radicalmente que, no nosso contexto social, Deus não quer a fome de ninguém. Se os que se dizem Seus amigos, dormem, ou só falam, Ele suscita noutros homens a ideia de libertar os Seus filhos da fome.

Diz o povo que «de boas intenções está o inferno cheio!»

Quando o Bispo de Coimbra, no princípio deste século, criou em Coimbra a «cozinha económica», deu radicalmente aos homens dessa época a imagem palpável da Igreja-Mãe e do Amor de Deus!

O Padre Américo tomou conta dela a mando do seu Prelado e com ela escreveu páginas maravilhosas no jornal da

Igreja Conimbricense sob o título «Sopa dos Pobres».

As Criaditas dos Pobres foram o seu suporte humano. Com visão divina deram — e creio que ainda dão — a sua vida pelos operários e gente pobre que não pode comer num restaurante.

Tem dignidade a gente comer e pagar!

Como seria evangélicamente saudável que as instituições caritativas da Igreja Católica — e há tantas! — ao menos nas grandes cidades, onde a fome é realidade, se arriscassem em aventuras como a da Cozinha Económica de Coimbra.

Os valores evangélicos são propriedade de quem os pratica. Não de quem os prega nem de quem se diz dono deles — mas de quem os faz.

Padre Acílio

TRIBUNA DE COIMBRA

● Hoje o dia começou de primavera. O sol tão desejado apareceu logo de manhãzinha. Depois do pequeno-almoço todos foram para os seus trabalhos. O grupo dos pequenos, que ainda não têm obrigação própria, foi arrancar as ervitas que já querem despontar no parque infantil. Há alegria misturada em cantares por toda a Casa.

As nove e poucos minutos toca a sineta para a escola. Eles aí vão em correria. São cento e quarenta pés a transportar setenta vidas que crescem e a escola mais os ajuda a crescer. Deus os ilumine e eles aceitem sempre a luz para o bem.

Passo pela cozinha. A senhora, que há trinta e nove anos tem procurado ser mãe desta família, foi descansar uns dias e ficámos todos sem mãe. Não aparecem mães novas para se darem a estes filhos! Na cozinha encontro um quadro maravilhoso. A nossa vida é muito rica de maravilhas. Estão os dois pequeninos, um deles com dois anos, e o Quicas a servir-lhes o leite quentinho com migas de pão, os três muito contentes.

● Fico a olhar esta maravilha. O Quicas feliz por ser o mais responsável pela nossa cozinha. Fez, há dias, dezassete anos. Voltei dez anos atrás e recordei o dia em que entrou em nossa Casa. Quem havia de dizer que daquele apontamento de gente, que ele era, havia um dia de aparecer um homem!

Nasceu num canto de Lisboa. Um dia, a mãe abandonou-o nos braços da avó e desapareceu. Por muitas carências e maus tratos foi internado no hospital daquela cidade, onde ficou até vir para nós. Muito deficiente de vista, da fala e de movimentos. Foi crescendo. Fez a Escola Primária. É um apaixonado para jogar a bola e pelo Sporting. Está a ficar um homenzinho.

É carinhoso com os mais pequeninos. Muitas vezes me apetece gritar: **Vivó Quicas!**

● O dito Quicas estava a dar as sopinhas de leite ao mais pequenino, de dois anos, que veio com dois irmãozitos. A mãe, muito doente, tem de ser tratada diariamente no hospital, sem nenhuma possibilidade de estar junto dos filhos. Vimos os Serviços Sociais muito preocupados com a sorte destas crianças e acudimos. Ficamos tão tristes quando não podemos acudir a tantos que batem à nossa porta!

Que o sol de primavera, de hoje, o Quicas, o Hugo, o Telmo e todos nós partilhemos a vida para que não haja pais que abandonem os filhos, nem filhos que se sintam abandonados pelos pais. E, na vida de todos, haja sol de primavera e esperança.

Padre Horácio

Cantinho dos Rapazes

Naquela hora e circunstância, o «lugar comum» souu-me com especial profundidade. No banco de um hospital, perante o cadáver recém-chegado, os médicos procuravam uma explicação sem atinar. Um deles conclui com o juízo tão universal quão indefinido: «Para morrer basta estar vivo».

O Zé Luís passara o serão alegremente. Ao deitar-se, brincou ainda com os companheiros de quarto e adormeceu tranquilo. Rompia a manhã, quando o acometeu um ataque epilético, benigno — dizem os com-

panheiros — em relação a dezenas deles que teve ao longo dos vinte e três anos que, por pouco, não chegou a completar. Uma hora depois encontraram-no com aparência de morto. E estava, na verdade, como no hospital se confirmou.

Não é a primeira vez que a morte nos visita assim, de surpresa. Não será a última... Mesmo em casa onde a juventude impera, é bom ter em conta esta realidade para nos não surpreendermos com a surpresa. Da boca de um médico, em hora de definir a causa de um

óbito, souu-me com invulgar profundidade o «lugar comum». Todos o sabemos. Todos o dizemos com a ligeiriza própria dos «lugares comuns». Mas não nos apropriamos dele. Fugimos de pensar que também para mim ele pode aplicar-se: que para eu morrer basta estar vivo.

Claro que viver não é existir no temor da morte! Mas estar sempre preparado para o encontro com ela é sabedoria. Daí a necessidade de termos a consciência limpa. De não adiarmos sem fim o alijar do que a carrega. Sobretudo evitar sobre-carregá-la. Isto, sim, é que é viver. Tê-la sempre leve e tranquila, não por medo da morte, mas por amor à vida que se quer levar em paz.

E não pode ter paz o que não vive de acordo com a sua consciência. Pois há algo de mais próximo de nós, mais permanente em nós, mais íntimo do que a nossa consciência? Se estamos de mal com ela, como podemos experimentar a paz, a alegria de viver?!

Consciência em ordem, portanto, para uma vida feliz, cheia de bons frutos. E se assim vivermos, a ideia da morte não nos assusta, as suas surpresas não nos surpreendem, pois quem sabe viver, sabe morrer e está sempre preparado.

Que a morte inesperada do Zé Luís tenha para nós a valia de um aviso e represente uma chamada à consideração destas fundamentais realidades.

Próximo livro

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

Tudo se conjuga para que, até ao fim do mês, e como falar da Páscoa, lancemos na mão dos Assinantes mais uma novidade com a marca de Pai Américo: CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES.

O corpo da obra está na mão dos encadernadores. A respectiva capa, na impressão offset. E a prata da casa já prepara as saquetas para acondicionamento do livro.

Vamos servir mais de 5.000 Leitores, quantos deles insaciáveis! Alguns, com receio de não estarem inscritos no ficheiro da Editorial, alertam com antecedência: «Não se esqueçam de mim...!» Outros, somam ao desejo a sua vocação bibliográfica: «Tenho todas as obras do Padre Américo. Não esqueçam de m'enviar o próximo livro CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES!»

Esta edição, de 248 páginas, vai dar que falar. E Pai Américo diz porquê: «Cada alma é um mundo!»

Júlio Mendes

Padre Carlos



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. (055) 952295
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Fevereiro: 68.780 exemplares